

QUANDO ARREBENTAM OS NÓS



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES

IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA

SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

Coleção Várias Histórias

Comissão Editorial

LUCILENE REGINALDO, COORDENADORA (UNICAMP)

JEFFERSON CANO (UNICAMP) – MARGARIDA DE SOUZA NEVES (PUC-RJ)

SUEANN CAULFIELD (MICHIGAN UNIVERSITY)

REPRESENTANTE DO CONSELHO: CARLOS RAUL ETULAIN (UNICAMP)

JOICE OLIVEIRA

QUANDO ARREBENTAM OS NÓS
HISTÓRIAS DE HOMENS E MULHERES ENREDADOS
PELO TRÁFICO INTERNO (1850-1888)

OL4q Oliveira, Joice Fernanda de Souza, 1988-
Quando arrebatam os nós : histórias de homens e mulheres enredados
pelo tráfico interno (1850-1888) / Joice Oliveira – Campinas, SP : Editora da
Unicamp, 2025.

1. Tráfico humano. 2. Escravos. 3. Comerciantes de escravos. 4. Escravos
- Emancipação. I. Título.

CDD – 364.1555
– 306.362
– 382.44
– 326

ISBN: 978-85-268-1802-6

Copyright © by Joice Fernanda de Souza Oliveira
Copyright © 2025 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade da autora e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br



COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS

A COLEÇÃO VÁRIAS HISTÓRIAS divulga estudos sobre a produção de diferenças e desigualdades na perspectiva da história social. Os livros autorais e as coletâneas resultam de pesquisas relacionadas aos projetos desenvolvidos no Centro de Pesquisa em História Social da Cultura (Cecult), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (www.unicamp.br/cecult).

VOLUMES PUBLICADOS

1 — ELCIENE AZEVEDO. *Orfeu de carapinha. A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo.*

2 — JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Entre a mão e os anéis. A Lei dos Sexagenários e os caminhos da abolição no Brasil.*

3 — FERNANDO ANTONIO MENCARELLI. *Cena aberta. A absolvição de um bilontra e o teatro de revista de Arthur Azevedo.*

4 — WLAMYRA RIBEIRO DE ALBUQUERQUE. *Algazarra nas ruas. Comemorações da Independência na Bahia (1889-1923).*

5 — SUEANN CAULFIELD. *Em defesa da honra. Moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940).*

6 — JAIME RODRIGUES. *O infame comércio. Propostas e experiências no final do tráfico de africanos para o Brasil (1800-1850).*

7 — CARLOS EUGÊNIO LÍBANO SOARES. *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro (1808-1850).*

8 — EDUARDO SPILLER PENA. *Pajens da casa imperial. Jurisconsultos, escravidão e a Lei de 1871.*

- 9 – JOÃO PAULO COELHO DE SOUZA RODRIGUES. *A dança das cadeiras. Literatura e política na Academia Brasileira de Letras (1896-1913)*.
- 10 – ALEXANDRE LAZZARI. *Coisas para o povo não fazer. Carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*.
- 11 – MAGDA RICCI. *Assombrações de um padre regente. Diogo Antônio Feijó (1784-1843)*.
- 12 – GABRIELA DOS REIS SAMPAIO. *Nas trincheiras da cura. As diferentes medicinas no Rio de Janeiro imperial*.
- 13 – MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA (org.). *Carnavais e outras f(r)estas. Ensaio de história social da cultura*.
- 14 – SILVIA CRISTINA MARTINS DE SOUZA. *As noites do Ginásio. Teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)*.
- 15 – SIDNEY CHALHOUB, VERA REGINA BELTRÃO MARQUES, GABRIELA DOS REIS SAMPAIO e CARLOS ROBERTO GALVÃO SOBRINHO (org.). *Artes e ofícios de curar no Brasil. Capítulos de história social*.
- 16 – LIANE MARIA BERTUCCI. *Influenza, a medicina enferma. Ciência e práticas de cura na época da gripe espanhola em São Paulo*.
- 17 – PAULO PINHEIRO MACHADO. *Lideranças do Contestado. A formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*.
- 18 – CLAUDIO H. M. BATALHA, FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA e ALEXANDRE FORTES (org.). *Culturas de classe. Identidade e diversidade na formação do operariado*.
- 19 – TIAGO DE MELO GOMES. *Um espelho no palco. Identidades sociais e massificação da cultura no teatro de revista dos anos 1920*.
- 20 – EDILENE TOLEDO. *Travessias revolucionárias. Ideias e militantes sindicalistas em São Paulo e na Itália (1890-1945)*.
- 21 – SIDNEY CHALHOUB, MARGARIDA DE SOUZA NEVES e LEONARDO AFFONSO DE MIRANDA PEREIRA (org.). *História em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*.
- 22 – SILVIA HUNOLD LARA e JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA (org.). *Direitos e justiças no Brasil. Ensaio de história social*.
- 23 – WALTER FRAGA FILHO. *Encruzilhadas da liberdade. Histórias de escravos e libertos na Bahia (1870-1910)*.
- 24 – JOSELI MARIA NUNES MENDONÇA. *Evaristo de Moraes, tribuno da República*.
- 25 – VALÉRIA LIMA. *J.-B. Debret, historiador e pintor. A viagem pitoresca e histórica ao Brasil (1816-1839)*.

- 26 – LARISSA VIANA. *O idioma da mestiçagem. As irmandades de pardos na América Portuguesa*.
- 27 – FABIANE POPINIGIS. *Proletários de casaca. Trabalhadores do comércio carioca (1850-1911)*.
- 28 – ENEIDA MARIA MERCADANTE SELA. *Modos de ser, modos de ver. Viajantes europeus e escravos africanos no Rio de Janeiro (1808-1850)*.
- 29 – MARCELO BALABAN. *Poeta do lápis. Sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*.
- 30 – VITOR WAGNER NETO DE OLIVEIRA. *Nas águas do Prata. Os trabalhadores da rota fluvial entre Buenos Aires e Corumbá (1910-1930)*.
- 31 – ELCIENE AZEVEDO, JEFFERSON CANO, MARIA CLEMENTINA PEREIRA CUNHA e SIDNEY CHALHOUB (org.). *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e em São Paulo, séculos XIX e XX*.
- 32 – ELCIENE AZEVEDO. *O direito dos escravos. Lutas jurídicas e abolicionismos na província de São Paulo*.
- 33 – DANIELA MAGALHÃES DA SILVEIRA. *Fábrica de contos. Ciência e literatura em Machado de Assis*.
- 34 – RICARDO FIGUEIREDO PIROLA. *Senzala insurgente. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832)*.
- 35 – LUIGI BIONDI. *Classe e nação. Trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*.
- 36 – MARCELO MAC CORD. *Artífices da cidadania. Mutualismo, educação e trabalho no Recife oitocentista*.
- 37 – JOANA MEDRADO. *Terra de vaqueiros. Relações de trabalho e cultura política no sertão da Bahia, 1880-1990*.
- 38 – THIAGO MORATELLI. *Operários de empreitada. Os trabalhadores da construção da estrada de ferro Noroeste do Brasil (São Paulo e Mato Grosso, 1905-1914)*.
- 39 – ÂNGELA DE CASTRO GOMES e FERNANDO TEIXEIRA DA SILVA (org.). *A Justiça do Trabalho e sua história. Os direitos dos trabalhadores no Brasil*.
- 40 – MARCELO MAC CORD e CLAUDIO H. M. BATALHA (org.). *Organizar e proteger. Trabalhadores, associações e mutualismo no Brasil (séculos XIX e XX)*.
- 41 – IACY MAIA MATA. *Conspirações da raça de cor. Escravidão, liberdade e tensões raciais em Santiago de Cuba (1864-1881)*.

- 42 – ROBÉRIO S. SOUZA. *Trabalhadores dos trilhos. Imigrantes e nacionais livres, libertos e escravos na construção da primeira ferrovia baiana (1858-1863)*.
- 43 – ANA FLÁVIA CERNIC RAMOS. *As máscaras de Lélío. Política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*.
- 44 – LARISSA ROSA CORRÊA. *Disseram que voltei americanizado. Relações sindicais Brasil-Estados Unidos na ditadura militar*.
- 45 – JACIMARA SOUZA SANTANA. *Médicas-sacerdotisas. Religiosidades ancestrais e contestação ao sul de Moçambique (c. 1927-1988)*.
- 46 – ANA FLÁVIA MAGALHÃES PINTO. *Escritos de liberdade. Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista*.
- 47 – LUCILENE REGINALDO e ROQUINALDO FERREIRA (org.). *África, margens e oceanos. Perspectivas de história social*.
- 48 – THIAGO LEITÃO DE ARAUJO. *Rastilhos da mina. Conspirações escravas, o Rio da Prata e a abolição do tráfico de africanos no Brasil*.
- 49 – JOICE OLIVEIRA. *Quando arrebentam os nós. Histórias de homens e mulheres enredados pelo tráfico interno (1850-1888)*.

Para Daniel e Francisco

AGRADECIMENTOS

Na minha infância, não havia livros. Eles não faziam parte do meu dia a dia, pois nos faltavam o dinheiro e o hábito da leitura. Em compensação, havia muitas histórias – contadas na cozinha, no quintal, no quarto – em todos os lugares e momentos em que minha mãe, tias, avós e primas se reuniam. Desde muito cedo, ouvir histórias me encantava, e não demorou para que eu descobrisse os livros e me apaixonasse por eles. Sonhava com o dia em que escreveria minhas próprias histórias, um livro meu que chegasse às mãos e aos corações daquelas que me ensinaram a amar por meio das palavras.

Agora, busco a escrita mais afetuosa para agradecer a todas e todos que me acompanharam até aqui. A universidade pública revolucionou a minha vida. O acesso ao ensino superior público era um sonho que eu e minha família acalentávamos, pois sempre acreditamos que a educação formal seria o único caminho para deixarmos para trás a realidade social difícil em que vivíamos. E estávamos certos. A Unicamp abriu nossos horizontes. Permanecer naquele espaço por mais de uma década significou romper um ciclo de precariedades, alcançar o reconhecimento pela luta diária, acessar conhecimentos antes distantes, ocupar espaços que nos eram negados e cultivar a esperança de um futuro melhor. Hoje, vejo esse sonho materializado em minhas conquistas e nas de meus familiares, que também ousaram ingressar na universidade e disputar lugares antes inacessíveis. O futuro que a Unicamp, e depois a Rice University, me proporcionou se concretiza e se eterniza em cada uma dessas vitórias e, agora, neste livro.

Agradeço ao professor Robert Slenes, de quem tive o privilégio de ser aluna por dez anos. Com ele, não apenas aprendi sobre o ofício do historiador, mas também presenciei o fascínio e a dedicação de um pesquisador incansável diante das fontes e dos livros. Expresso profunda admiração e gratidão à minha orientadora na Rice University, Alida

Metcalf, historiadora e professora brilhante. Agradeço por todo o apoio que me deu ao longo do programa de Dual Degree, por sua atenção e seu acolhimento durante meu período na Rice, bem como pelo incentivo constante à pesquisa e à escrita deste livro. Seu carinho e sua generosidade foram essenciais.

Estendo meus agradecimentos a todos os professores do programa de História da Unicamp e da Rice University, que me ensinaram novas formas de contar histórias, e aos amigos que surgiram dos desafios e das alegrias da vida acadêmica, especialmente a Miller Wright, com quem dividi o grande desafio do Dual Degree Program.

Nunca estive sozinha nesta caminhada e tive a felicidade de ser amparada por mulheres que compreendem que o amor, o companheirismo e a sororidade podem não apenas garantir triunfos individuais, mas sobretudo nos fortalecer como coletivo. Sou imensamente grata a Angélica Barbosa, Tatiane Pinheiro, Jéssica Paloma, Sabrina Generali e Taciana Santos. Agradeço também à minha sempre presente amiga Ludmila Maia, companheira de escrita, pesquisa e com quem, ao longo destes anos, tenho dividido as alegrias e os desafios da vida. Agradeço também à Leonora de Paula, amiga e exemplo de luta e seriedade acadêmica.

Àquela que está na base de todas as histórias da minha infância, Tia Conceição, dedico todo meu amor e minha gratidão por me mostrar que é preciso sempre reverenciar nossa ancestralidade preta e potente, guia essencial para qualquer decisão. Agradeço também a Jéssika, Mariana, Eliane e Richard pelas partilhas da infância e pelas alegrias da vida adulta. À minha família estendida – Anna, Rafa e Julia –, obrigada por mostrarem que a vida pode ser leve e que as amizades podem ser tão genuínas. À vó Anita e ao vô José, agradeço pelo apoio e pelo cuidado diários, bem como pelo privilégio de me sentir sua neta. Ao André, exemplo de militância e resiliência em tempos tão sombrios, dedico minha admiração. À Maria de Fátima, sou grata pelo incentivo aos meus projetos e às minhas empreitadas, além da presença que me permitiu trilhar caminhos distantes. E, ao José Cláudio, entusiasta da literatura e da preservação da memória, agradeço por compartilhar suas descobertas e manter vivo, em nossa família, o amor pelos livros.

À minha família nuclear, à minha base, expresso toda a minha gratidão e o meu amor. Aos meus pais, Adriana e Maurício Oliveira,

agradeço pela luta e pelos sacrifícios feitos para garantir a mim e ao meu irmão o direito de estudarmos, a possibilidade de construirmos uma carreira e a liberdade de perseguirmos nossos sonhos. Também expresso minha admiração por, após tantos anos dedicados ao cuidado dos filhos, terem retornado à sala de aula em busca de conhecimento e realização. Obrigada por me inspirarem e me ensinarem sobre união e superação, pelo exemplo de respeito e dedicação, pelo amor e pelo apoio incondicional. Vocês são meu maior orgulho! Ao meu irmão caçula, Roger Oliveira, que, em tantas ocasiões, como um irmão mais velho, me aponta novos caminhos profissionais e me incentiva a ter coragem, agradeço o carinho e a disposição de desbravar o mundo comigo. Obrigada por compartilhar as descobertas da parentalidade e por me fazer tia da Liz.

Por fim, dedico não apenas minhas últimas e carinhosas palavras ao Francisco e ao Daniel, mas também este livro. Ao Daniel, com quem construí um lar cujas paredes estão forradas de livros, que testemunham nossa trajetória intelectual. Agradeço por percorrermos juntos a difícil jornada acadêmica, compartilharmos lutas políticas, dividirmos o cansaço e as angústias de quem precisou romper tantas barreiras para ocupar este lugar, que é nosso por direito. Obrigada por ser minha maior referência intelectual e docente, por manter vivo o entusiasmo pelo conhecimento e por me mostrar que é possível transformar o mundo a partir da sala de aula, promovendo justiça social e racial por meio do ensino. Ao Francisco, meu filho, a quem tenho dedicado todo meu amor e a leitura de centenas de livros nesses últimos sete anos, agradeço por ter concebido este livro comigo, desde as primeiras páginas, quando você ainda estava em meu ventre, até a versão final, em que digitou algumas palavras sentado em meu colo. Obrigada por me fazer experimentar a vida de formas tão extraordinárias e por me convidar diariamente a contar novas histórias.

Na minha vida, há muitos livros, e um deles fui eu quem escrevi.

Eu sei (sei)
Cansa
Quem morre ao fim do mês
Nossa grana ou nossa esperança?
Delírio é
Equilíbrio
Entre nosso martírio e nossa fé
Foi foda contar migalha nos escombros
Lona preta esticadas, enxada no ombro, e nada vim
Nada, enfim, recria sozinho
Com a alma cheia de mágoa e as panelas vazias
Sonho imundo
Só água na geladeira e eu querendo salvar o mundo
No fundo, é tipo David Blaine
A mãe assume, o pai some, de costume
No máximo é um sobrenome
Sou o terror dos clones
Esses boys conhecem Marx, nós conhecem a fome
Então cerra os punhos, sorria
E jamais volte pra sua quebrada de mão e mente vazia
Quem costuma vir de onde eu sou
Às vezes não tem motivos pra seguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Mas eu sei que vai
Que o sonho te traz coisas que te faz prosseguir
Então levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda
Vai, levanta e anda

Emicida, “Levanta e Anda”.

SUMÁRIO

PREFÁCIO.....	19
PREÂMBULO.....	27
INTRODUÇÃO.....	29
PARTE I – A TRAMA DOS NEGOCIANTES	37
CAPÍTULO 1 – BAHIA: A PONTA DO NOVELO	41
ALINHAVANDO INTERESSES.....	43
A REDE BAIANA	51
FIOS DE LONGO ALCANCE	59
PONTOS E FIOS INVISÍVEIS	78
CAPÍTULO 2 – RIO DE JANEIRO: O CENTRO DA TRAMA.....	99
A FÚRIA DO NEGOCIANTE	99
UMA AMBICIOSA PARCERIA	101
A MÁQUINA DO TRÁFICO.....	107
DESARRANJOS	116
DESVIO DE PERCURSO.....	123
QUEDA LIVRE.....	129
PARTE II – A TRAMA DOS NEGOCIADOS.....	145
CAPÍTULO 3 – VIDA E MORTE NO COMÉRCIO INTERNO	151
CAMINHOS CRUZADOS.....	151
ESPAÇOS DA ESCRAVIDÃO	154

TRATAR DE LIBERTAR-SE	160
LARES PARTIDOS.....	169
FÚNEBRE ESCAPATÓRIA	180
CAPÍTULO 4 – ATANDO E DESATANDO NÓS.....	209
ONDA NEGRA NO OESTE PAULISTA	209
FORASTEIROS NO OESTE PAULISTA	212
MALUNGOS: O FAZER-SE DA COMUNIDADE	218
A REBENTAÇÃO.....	230
O DESFAZER-SE DA COMUNIDADE	235
UMA VIDA EM CÁRCERE	240
CAPÍTULO 5 – O TEMIDO DESTINO	251
UMA NOVA FACE DO TRÁFICO.....	251
OS DEVOTOS DE SINHARA.....	252
VIDAS EM MOVIMENTO.....	258
UMA NOVA ESCRAVIDÃO	262
JUSTIÇA QUE TARDA.....	267
ACORDES IMPROVÁVEIS	273
ARREIMATE	279
FONTES	281
FONTES MANUSCRITAS	281
FONTES IMPRESSAS	286
BIBLIOGRAFIA	289

PREFÁCIO

À primeira vista, a história do comércio interno de escravizados no Brasil é demograficamente insignificante em comparação com o comércio transatlântico que trouxe 3,2 milhões de africanos, em quase dez mil viagens, ao longo de três séculos.¹ Porém, como Joice Oliveira revela neste livro cativante, o comércio interprovincial de escravizados no Brasil, ainda que mais modesto em termos de deslocamentos populacionais, teve um efeito profundo na vida familiar das comunidades negras escravizadas e livres durante as décadas imediatamente anteriores à Abolição. Embora a história do declínio do comércio transatlântico sugira que o impacto da violência, da migração forçada e das separações familiares estivesse diminuindo drasticamente, na verdade, o comércio interno de escravizados reproduziu as mesmas experiências trágicas. É certo que o tráfico interno não atingiu a chocante mortalidade do tráfico transatlântico, que para o Brasil chegava a 8,8%,² mas ainda assim o seu impacto sobre aqueles que foram vitimados por ele foi imenso. O comércio interno também afetou a economia nacional, o desenvolvimento agrícola e as cidades portuárias de Salvador e do Rio de Janeiro durante o século XIX. Embora o Brasil tivesse começado a se afastar de seu pesado passado colonial, o tráfico interno de escravizados reforçou a poderosa conexão e a contínua dependência do país com a escravidão. Em outras palavras, o comércio interno de brasileiros escravizados – a maioria dos que foram comercializados nasceu no Brasil – permitiu que um dos pilares da sociedade colonial – a escravidão – permanecesse firmemente em vigor. *Quando arrebatam os nós* é uma história profundamente humana sobre a violência, a perda, a resistência, a rebelião e a sobrevivência daqueles que foram tomados à força por esse comércio. Ao focar em indivíduos escravizados, e até mesmo em uma comunidade inteira, Joice Oliveira registra como homens, mulheres e crianças foram tirados de suas casas e levados por terra, empurrados nos porões de navios e deslocados

novamente para paisagens e regimes de trabalho desconhecidos. Todos sofreram separações dolorosas e perderam a maioria dos laços familiares e comunitários.

Um pequeno recorte, que abre o livro, ilumina um momento na vida de um ex-cativo submetido ao tráfico interno de escravizados e ilustra a forma de abordagem dessa talentosa historiadora. Rosendo Vasques de Costa havia conseguido sua liberdade, mas isso não era suficiente: “para Rosendo, não bastava ser livre; era preciso estar junto dos seus, reatar os nós que haviam sido arreventados pela brutalidade do comércio interno de cativos”. Joice Oliveira argumenta que, para cada pessoa capturada nesse comércio cruel, os laços familiares e comunitários foram quebrados, e, para aqueles que sobreviveram, foi necessário “reatar os nós”. Essa abordagem humaniza a história do tráfico interno, não por minimizar o seu nefasto impacto, mas porque nos permite ver as lutas dos sujeitos para recuperar suas famílias. Dar nomes aos números, contar as histórias de pessoas, reconstruir os laços familiares, registrar como novos laços foram tecidos, tudo isso no meio da violência, da perda e do trauma no tráfico interno é a contribuição central deste livro. Na narrativa de Joice Oliveira, aqueles que foram submetidos ao comércio interno resistiram continuamente aos planos dos traficantes, que eram de tratá-los como objetos de transações financeiras, propriedades e meios de obter lucro. O que se torna claro nestas páginas é a poderosa história humana de resistência e sobrevivência.

O livro se apoia na tese de que o comércio interno de escravizados de 1850 a 1885 foi um momento significativo na história do Brasil e que esse período reflete padrões mais amplos na história do Atlântico. Joice Oliveira junta-se aos historiadores que reconhecem que uma expansão dramática da escravidão caracterizou certas regiões da economia atlântica no século XIX. Apesar da queda dos regimes coloniais americanos e da crescente industrialização na Europa, a escravidão não desapareceu. Em vez disso, de acordo com o historiador Dale Tomich, a escravidão entrou em uma nova fase. Essa “segunda escravidão” produziu novas mercadorias em uma escala muito maior em regiões antes consideradas afastadas e periféricas. No Brasil, em Cuba e no sul dos Estados Unidos, uma demanda insaciável por algodão, açúcar e café levou à rápida abertura de novas terras para serem exploradas por trabalhadores escravizados. Novas